



## SER LEITOR DO MARQUÊS DE SADE: UM CONVITE PARA O ABISMO

### BEING A READER OF THE MARQUIS DE SADE: AN INVITATION TO THE ABYSS

**Lucas Brito Santana Da Silva<sup>1</sup>**  
lucasmooonandsun@gmail.com

#### RESUMO

O Marquês de Sade é um dos grandes nomes da literatura libertina do século XVIII francês. Desde o primeiro momento que os seus escritos vieram ao mundo, a literatura sadiana se viu alvejada por fogo e ferro, carregando o próprio autor o estigma da libertinagem e passando parte significativa de sua vida em hospícios e prisões. Essa literatura foi apropriada por saberes e indivíduos diversos. O presente artigo busca identificar algumas tendências de leitura do Marquês de Sade e analisar a existência de um leitor ideal que esse autor teria delineado para a sua literatura. Para tal, nos servimos de pesquisa bibliográfica e documental, sendo fundamental o auxílio de autores como Moraes (1994; 2011) e Giannattasio (1998).

**Palavras-Chave:** Marquês-de-Sade; literatura erótica; libertinagem; História da leitura.

#### ABSTRACT

The Marquis de Sade is one of the greatest names in French eighteenth-century libertine literature. From the first moment that his writings came into the world, Sadian literature found itself bleached by fire and iron, carrying the author himself the stigma of debauchery and spending a significant part of his life in hospices and prisons. This literature was appropriated by knowledge and diverse individuals. This article seeks some reading trends of Marquis de Sade and analyzed the existence of an ideal reader for this subject. For such, we use bibliographic and documentary research, being essential the help of authors such as Moraes (1994; 2011) and Giannattasio (1998).

**Keywords:** Marquis-de-Sade; Erotic literature; Debauchery; History of reading.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura Plena em História, 8º Período, UFAL – Campus do Sertão.



## INTRODUÇÃO

Donatien-Alphonse François de Sade (1740-1814), infamemente conhecido como Marquês De Sade. Todo um imaginário sobre o indivíduo Sade e a sua literatura se fazem presentes às consciências contemporâneas; aqueles que tem interesse por literatura erótica ou homens infames, ou ambos – é provável que já tenham se deparado com a sombra do Marquês. Infelizmente, parece que a maioria daqueles que de alguma forma conhecem Sade só o encaram pelos aspectos negativos, nefastos, patológicos, maus – muitos do quais não passam de estereótipos, que dizem mais da condição limítrofe do leitor do que sobre a literatura sadiana. Ainda vivo, o Marquês reclamava da idealização que fizeram da sua pessoa – um ícone do mau comportamento, primeiro suspeito para qualquer gato estripado num beco qualquer da cidade francesa de Lacoste, onde o literato passou parte dos seus anos de liberdade.

Atormentado pelo Antigo Regime francês, pelos republicanos e depois por Napoleão Bonaparte, o Marquês de Sade nunca negou ser um libertino; contudo, sempre negou ter cometido um crime grave, um assassinato, por exemplo. Sua alegação não o impediu de passar um terço dos seus 74 anos de vida em prisões e hospícios, de ter parte dos seus escritos destruídos e outra parte censurada pelo Estado. Felizmente, muitos textos do Marquês sobreviveram, sendo lidos de diferentes maneiras. Entender as tendências dessas leituras ou apropriações da literatura sadiana é um dos nossos objetivos neste artigo.

Na contemporaneidade, tem-se bradado o reconhecimento da historicidade de todas as dimensões da existência humana, de todas relações sociais, das formas de pensar e sentir, das relações que os indivíduos estabelecem com elementos da sua própria cultura e de sua cultura material (na produção, na circulação e no consumo) e qualquer outra coisa que possamos elencar aqui. Mais arguto, é essa direção que Foucault (1979) aponta para a sua pesquisa genealógica, advogando uma suspeição contínua sobre os acontecimentos, tanto mais estes aparentem uma anistoricidade, como “os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos”; o objetivo é “apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos” (FOUCAULT, 1979, p. 12). Essa perspectiva, essa suspeita e o seu objetivo são transferíveis a essas coisas que chamamos de leitor, autor, leitura, texto – e muitas pesquisas têm aflorado sobre elas.



Assim, temos uma história do leitor, do autor, do texto, da leitura onde as percepções e convenções sobre a identidade de cada um deles, sobre as práticas e valoração pertinentes a um e outro têm variado ao longo dos séculos. Roger Chartier é um dos historiadores que tem se aventurado nessa história do mundo letrado. Se pegarmos o itinerário histórico do leitor, apresentado por Chartier (1998), indissociável dos outros elementos já citados, podemos observar que o leitor passa de um comportamento mais estático, da Antiguidade até momento tardio na Idade Média. Este é o caso dos leitores que liam nos “rolos”; obrigados a segurar estes rolos com as duas mãos, tornando quase impraticável a leitura e a escrita concomitantemente.

Com as mudanças que vão ocorrendo nos suportes dos textos, especialmente o tipo livro, popularizado a partir da imprensa de Gutenberg e do desenvolvimento geral da indústria gráfica, iremos nos deparar, com efervescência a partir do século XVIII, com leitores de liberdade inaudita em sua mobilidade durante a prática da leitura. A iconografia da época o revela. As imagens passam a representar o “leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama” (CHARTIER, 1998, p. 78). Os leitores de literatura erótica ou pornográfica, como a de Sade, seriam aqueles leitores que leem com uma única mão, segundo anedota do filósofo Rousseau (apud CHARTIER, 1998). Um rápido vislumbre da mobilidade do leitor na contemporaneidade e podemos identificar o quanto essa liberdade continua aumentando.

As concepções sobre o que é a leitura também têm sofrido mudanças e se multiplicado ao longo desses séculos. Devido à limitação deste trabalho, fiquemos apenas com uma concepção de leitura, aquela que está a conduzir a nossa pesquisa. Segundo Chartier (1998), “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”, e “Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor” (CHARTIER, 1998, p. 77). Mesmo aquelas concepções estáticas sobre a leitura, que a consideram apenas um ato inequívoco de decifração, na prática são atravessadas por essa liberdade do leitor, que, de certo, não é absoluta e varia conforme o contexto histórico.

Em grande parte, as limitações sobre o leitor são executadas a partir das concepções sobre como a leitura deve ser praticada; é assim que o aparecimento dos sumários e dos prefácios funcionam como limitadores, como algo que orienta a leitura em determinado sentido. Nos prefácios nós já temos esboçado algo do autor, da função autoral como chamou Foucault; ocupando o autor lugar de um grande demarcador dos caminhos que a leitura deve seguir, já

que aí o autor se impõe como princípio de ordenação do texto, de uma forma que o texto deve ser lido. Segundo Foucault (1969), o autor é definido, na crítica literária moderna, como:

Aquilo que permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações, as suas deformações, as suas modificações diversas (e isto através da biografia do autor, da delimitação da sua perspectiva individual, da análise da sua origem social ou da sua posição de classe, da revelação do seu projecto fundamental). O autor é igualmente o princípio de uma certa unidade de escrita, pelo que todas as diferenças são reduzidas pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência. O autor é ainda aquilo que permite ultrapassar as contradições que podem manifestar-se numa série de textos: deve haver — a um certo nível do seu pensamento e do seu desejo, da sua consciência ou do seu inconsciente — um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis encaixam finalmente uns nos outros ou se organizam em torno de uma contradição fundamental ou originária. Em suma, o autor é uma espécie de foco de expressão, que, sob formas mais ou menos acabadas, se manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos e etc (FOUCAULT, 1969, p. 53-54).

O autor é uma construção discursiva que visa dá uma inteligibilidade específica a uma série de outras manifestações discursivas. Contudo, não é uma construção absolutamente arbitrária, pois “O texto traz sempre consigo um certo número de signos que reenviam para o autor” (ibidem, p. 55). Sem abandonar Foucault, gostaríamos de estender a questão da arbitrariedade (como necessidade metodológica, ou seja, escolha de um modo de fazer para a produção de um saber) na construção de um autor.

O autor não é um indivíduo concreto, mas certamente a sua imagem é mobilizada por um, ou alguns indivíduos, que se põem a dar inteligibilidade ao texto (s) explorando um conjunto particular de referenciais. Ao se formar a imagem do autor, independentemente de quem tenha construído essa imagem, ela passa a funcionar como princípio de ordenação do texto (função autoral) ou da obra como coleção de textos, logo, também da leitura. Os elementos utilizados na montagem da imagem do autor são variados; o texto, o hipertexto, o contexto histórico, a biografia do indivíduo-escritor, *identificação de suas perspectivas individuais, origem social, posição de classe* – como assinalou Foucault. Pode ser dada mais centralidade a um ou outro desses elementos. Desse modo, por exemplo, a imagem de um autor pode ser construída partindo-se mais da biografia do indivíduo; ou esta pode ser ignorada em nome da sobrelevação do contexto.



Podemos dizer que cada autor possui uma historicidade própria, que ele foi construído de determinada maneira, em determinado espaço e tempo, e a sua imagem é, a princípio, sempre passível de modificação – ainda que exista uma rede proteção do autor, sustentada por aqueles que pretendem que a leitura de um texto ou obra se mantenha numa determinada direção ou produzindo apenas certos sentidos; entre esses protetores, é claro, podemos encontrar o indivíduo que originalmente se atribuiu a autoria dos escritos em questão.

Neste artigo pretendemos explorar apenas as imagens do autor Marquês De Sade, as ordenações que se estabeleceram para a leitura dos escritos desse indivíduo; também buscamos discutir as imagens dos leitores do Marquês, as posturas que esses leitores afirmam ao se defrontarem com o texto sadiano; e por fim, buscamos identificar a imagem de um leitor idôneo requerido pelo próprio Marquês de Sade, que estaria delineado nos seus próprios escritos – neste caso particular, o romance *A Filosofia Na Alcova (1795)*.

A consciência da historicidade de todos os elementos que abordamos até aqui, do autor, do leitor, do texto, da leitura nos força a considerar que a exploração adicional de qualquer um deles modificaria o resultado da pesquisa que aqui conduzimos, mesmo a mudança de perspectiva sobre os dois elementos que escolhemos, o autor e a leitura, provocaria mudanças. Para termos classificatórios, a metodologia utilizada em neste trabalho é de natureza qualitativa. Para alcançarmos o nosso objetivo geral, analisar o leitor ideal requerido pelo Marquês De Sade, nos servimos de pesquisa bibliográfica e de pesquisa documental.

## **TENDÊNCIAS DE LEITURA DA LITERATURA SADIANA**

Num primeiro momento, ironicamente, quando abordamos os estudiosos ou aventureiros da literatura sadiana, nos deparamos com objeções que apontam Sade quase como um “anti-autor” (se tomamos o “autor” nos termos desenvolvidos anteriormente); o elemento que leva à afirmação dessa perspectiva está no uso assistemático que o Marquês fez das suas influências e desenvolvimento teóricos. Nesse sentido, Moraes asserta que o libertino, fugindo à standardização, teria criado “um domínio único de expressão” e “continua sendo irreduzível a toda e qualquer interpretação” (MORAES, 2011; 1994, p. 18). Se se parte predominantemente a partir do elemento “texto” para a construção da imagem de autor do Marquês de Sade, o resultado é algo desforme, que dificilmente poderia exercer a função de autor.

Um dos reflexos dessa condição inicial do Marquês nas possíveis leituras dos seus textos é: se, a princípio, aceitamos a leitura como um processo que pode gerar sentidos indefinidamente, por mais barreiras que um autor possa impor, a escrita sadiana – exatamente pela dificuldade que impõe à construção do autor – coloca o leitor em posições onde essa abertura para a produção indefinida de sentidos se encontra escancarada. Se não existe aquela “expressão focal” à qual se pode reduzir o texto, resta unicamente a produção de sentidos sobre o texto; ou, negativamente, o abandono completo das tentativas de produzir sentidos para tal ou tais textos.

Para Moraes (1994, 2011), essa condição dos textos sadianos é algo positivo. A autora faz parte de uma geração de leitores do Marquês de Sade que se libertaram de muitos reducionismos ou banalizações na interpretação da literatura desse libertino, reducionismos que, como veremos, recaíram sobre os escritos do Marquês com ele ainda vivo e que se perpetuaram por mais de um século. O que estamos apresentando como uma dificuldade para a construção de uma imagem de autor em Sade, na tendência de leitura de Moraes é algo que em nada empobrece o literato libertino; antes, diríamos, é uma abertura que a autora e outros de sua tendência usam como base para uma abordagem enriquecedora dos textos do Marquês.

Outra leitora de Sade, e isso desde quando o nome do autor evocava, por si só, as mais diversas repulsas e a disseminação de cópias dos seus romances estava censurada na França, Simone Beauvoir (1961) assim descreve os escritos do libertino: “Sade é habitado pelo gênio da contradição; [...] seu pensamento emprega-se em frustrar quem quisesse fixá-lo e desse modo ele atinge seu objetivo que é preocupar-nos” (p. 38). Adiante exploraremos mais essa preocupação da qual fala Beauvoir, o importante a se notar é essa incrustação do signo da irreduzibilidade interpretativa que recai sobre os textos do escritor libertino, e que tem se reproduzido frequentemente nos leitores de Sade.

O reconhecimento dos escritos sadianos como assistemáticos ou atravessados por irracionalidades, como queiram os críticos, impõe, de imediato, uma relação particular do leitor com o texto libertino, ao menos quando ele não é negado: as impressões do leitor, suas interpretações, apropriações do universo da libertinagem são postas, urgentemente, em primeiro plano; como uma prestação de contas que o leitor é obrigado a apresentar antes de se pôr a comentar os textos sadianos, uma declaração prévia de sua própria integridade moral.

Giannattasio (1998), outro pesquisador da literatura sadiana, mais contemporâneo que Beauvoir, não hesita em afirmar que “A princípio, o trabalho de leitura de Sade é uma tarefa para a eternidade, pois ele exige uma submissão à longa maturação do tempo” (p. 11). As perspectivas teórico-metodológicas desse autor reforçam ou escancaram ainda mais a irreduzibilidade interpretativa dos textos de Sade. Como Chartier (1998), a problematização de Giannattasio considera a historicidade de todos os elementos presentes na experiência leitora. Sua argumentação parte especialmente da questão da arbitrariedade nas escolhas teórico-metodológicas; as quais, aliás, uma vez reconhecidas como arbitrarias, fazem da arbitrariedade uma necessidade para a produção do conhecimento e abrem este para uma renovação sempre possível nos seus sentidos; nas palavras do autor, “É a arbitrariedade do procedimento que nos permite entender o tempo de um evento, de uma vida, de um regime histórico, de uma mentalidade, como uma esfera que é permanentemente revisitada” (GIANNATTASIO, 1998, p. 10). E isso se aplica aos estudos sobre Sade, às leituras da literatura libertina.

Com esses três autores que acabamos de abordar, o que acreditamos se delinear na “imagem de autor” do Marquês de Sade são lacerações de “anti-autor”, ou seja, pontos que impedem que o princípio autoral se exerça comodamente; quer essas lacerações de anti-autor sejam creditadas aos escritos do Marquês, suas contradições, quer sejam creditadas à “arbitrariedade” (no caso da escolha de um *como-ver* e um *como-fazer* que já carregam algo de “anti-autoria”) que o leitor ou pesquisador pode praticar na experiência de leitura desses escritos.

De qualquer modo, o leitor/pesquisador de Sade se vê numa posição que o força a reconhecer furos em qualquer que seja a imagem de autor que ele adote para guiar sua leitura. Isso se esse leitor adotar alguma imagem de autor: não raro aparece algum leitor com complexo de Deus, um solipsista excêntrico forjado nesses tempos que chamam de pós-modernos, querendo se afirmar como senhor absoluto dos significados e sentidos que produz; ou simplesmente um leitor para quem qualquer tipo de esquadramento da obra de um autor não faz parte dos seus objetivos de leitura, é um leitor quer outra coisa do texto, nem que seja um único fragmento, portanto que faça sentido para a sua própria existência<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Este é o tipo de leitor que podemos encontrar nos escritos do linguista Roland Barthes, que abordaremos mais à frente. A noção de “prazer do texto”, sustentado por esse autor, aponta para as experiências de leitura fragmentadas. Conforme Barthes: “o gozo do texto muitas vezes é apenas estilístico”, onde o leitor se realiza nas “felicidades de

Tratado esse primeiro ponto sobre o anti-autor, passemos às tendências de leitura e imagens de autor do Marquês de Sade.

A partir da pesquisa bibliográfica que fizemos sobre o Marquês de Sade, nos parece existir três tendências básicas nas leituras da obra sadiana. Definimos essas tendências a partir da identificação do lugar específico nos quais os leitores colocam, inicialmente, o indivíduo concreto Marquês de Sade e os escritos produzidos por esse indivíduo, as relações que estabelecem entre ambos. Essas relações, como já assinalamos na introdução, podem ser fundamentais na formação da imagem de autor – no caso particular de Sade, têm sido.

Essas tendências não se substituíram ao longo do tempo. Apesar da terceira delas ter se tornado comum nos estudos mais recentes sobre o Marquês De Sade, as outras duas ainda estão a configurar os olhos de muitos leitores. A primeira tendência que circunscrevemos tem em seu âmago ou a patologia ou a clausura, algumas vezes ambas. Nessa tendência há uma sobrelevação do indivíduo Sade; a fórmula é a seguinte: o Marquês de Sade se tornou quem foi, enquanto escritor, porque era doente ou porque esteve aprisionado por grande parte de sua vida. Nos dois casos temos a literatura e o indivíduo Sade reduzidos há alguma disfunção; se aí o Marquês possui uma imagem de autor, ela está pintada pelas cores da loucura e da prisão, e os seus escritos são lidos apenas nessas tonalidades, brutalmente submetidos a elas.

O representante primeiro e um dos mais ilustre dessa primeira tendência, sem sombra de dúvida, é o psiquiatra alemão Richard Krafft-Ebing (1840-1902); um dos “cientistas” mais destacado na psiquiatria moderna. Foi Krafft-Ebing quem difundiu o conceito de “sadismo”, ligando o Marquês de Sade a uma psicopatologia sexual por toda a eternidade, uma mácula indelével. Os escritos de Sade foram uma bíblia de patologias, ou, antes, um dicionário científico do comportamento sexual, como Peixoto (1978) e Moraes (2011) gostam de ressaltar, tanto pela minuciosidade da descrição desses comportamentos quanto pela tentativa de Sade em dialogar com alguns homens de letras de sua época.

No olhar psiquiátrico de Krafft-Ebing, a experiência sexual patológica do sadismo seria aquela onde, em primeiro lugar, a obtenção de prazer se sobrepõe ao “objetivo natural da prática sexual” voltada para a reprodução da espécie, como o é caso de todo comportamento sexual desviante; segundo, em sua particularidade, o sadismo consistiria numa patologia onde “o gozo

---

expressão”; mas os casos mais profundos do prazer do texto são aqueles onde o leitor consegue alguma conexão com o texto, quando o texto “transmigra para dentro de nossa vida” (BARTHES, 2005, p. xiv-xv).

erótico só pode ocorrer à condição de se encontrarem associadas crueldade ativa, violência ativa e volúpia” (PEREIRA, 2009, p. 383). Nessa perspectiva, Sade e sua literatura são facilmente reduzidos ao sadismo; o saber médico acaba renegando os diálogos com as teorias sadianas que buscam explicar esse comportamento sexual dito sádico. Sade é um objeto de estudo violado em todos os sentidos, suas palavras só são ouvidas num espaço e com instrumentos que fazem referência sempre a um lugar outro do conhecimento, um regime de verdade totalitário para o qual o saber que o libertino produziu não possui validade.

Simone Beauvoir ergue sobre Sade a suspeita de uma infância problemática, lamentando várias vezes a ausência de informações sobre esse período da vida do libertino, onde supostamente estariam os principais fantasmas, os traumas que inscreveram no corpo e na mente de Sade as sementes do mal; desse modo, “toda explicação deixará atrás de si um resíduo que apenas sua história infantil poderia esclarecer” (BEAUVOIR, 1961, p. 09-10). Contudo, mais importante do que esse passado tempestuoso do Marquês de Sade, a filósofa acredita que o mais importante a se buscar no escritor libertino, para reproduzir a fórmula existencialista, não é aquilo que fez de Sade o que ele se tornou em determinado momento de sua vida, mas aquilo que ele fez com essa sua existência que, a princípio, não determinou a si mesmo – é neste ponto que podemos encontrar singularidade no Marquês. Nos termos da autora,

toda explicação deixará atrás de si um resíduo que apenas sua história infantil poderia esclarecer. Contudo, impostos à nossa compreensão não devem desanimar-nos, porque Sade, como dissemos, não se cingiu a sofrer passivamente as conseqüências de suas primitivas opções; o que nele nos interessa, muito mais do que suas anomalias, é a maneira como as assumiu. De sua sexualidade ele fez uma ética, e manifestou essa ética em uma obra literária; é por este movimento refletido da sua vida de adulto que Sade conquistou verdadeira originalidade (ibidem, 1961, p. 10).

Se Beauvoir, por um lado, recusa reduzir Sade às suas possíveis psicopatologias, insistindo em um *mais-além* do escritor libertino, por outro, a prisão assume grande importância para essa autora, importância que, de forma variada, a maioria dos estudiosos de Sade parece reconhecer. Esse mais além de Sade, esperado por Beauvoir, a coloca, em parte, na segunda tendência das leituras do Marquês. Há aí o reconhecimento da singularidade do literato como um indivíduo que é mais do que um doente, mais do que uma existência reativa produzida na prisão. Sade continua um indivíduo algo anormal, mas o esforço que empreendeu em positivar

as suas preferências leva a autora a reconhecê-lo como algo mais; por sua originalidade na significação de quem ele era, estando num mundo que o negou e o condenou à reclusão, e por ter trincado irremediavelmente o véu da normatividade que recaia sobre a sexualidade e sobre a crueldade humanas; aliás, aproximando as duas como só a psicanálise faria um século mais tarde.

Michel Foucault, sob os olhos de Moraes (2011), é outro autor que, ao menos nos primeiros escritos nos quais abordou Sade, condena a literatura do libertino à sua trajetória de vida; neste caso, focando-se nas prisões e nos hospícios. Assim sendo, toda a produção do libertino não passaria dos gritos desesperados de um homem que passou um terço de sua vida aprisionado. Nas palavras da autora, nessa percepção do autor da *História da Loucura na Idade Clássica*,

os livros do Marquês representam a expressão de sua condição de desatinado, de homem reduzido ao silêncio das prisões e dos hospícios. É, portanto, o confinamento, a que Sade esteve sujeito durante quase toda sua vida, que determinaria seu texto. Tem-se aí uma concepção na qual a imaginação submete-se ao discurso social: a fantástica literária mantém-se, assim, estritamente dentro dos limites aos quais foi confinada (MORAES, 2011, p. 44).

Nesse sentido, o Marquês teria criado um mundo com super-homens, seus libertinos, que fazem tudo o que querem, que não hesitam em aniquilar outrem em nome de seus prazeres, como uma forma de lidar com a sua própria privação, com a impossibilidade de realizar essas práticas.

Tomamos a posição dos autores que recusam reduzir Sade à clausura, entretanto é inegável a importância dos anos de claustro na sua formação enquanto escritor. Como enfatiza Beauvoir (1961) sobre o resultado da reclusão de Sade: “agoniza um homem e nasce um escritor”. É na prisão que floresce a escrita sadiana às milhares de páginas; mas seu enclausuramento, nos parece, ofereceu apenas algumas chamas para as labaredas infernais da escrita sadiana.

Essa visão do papel da reclusão na produção sadiana se repete na única biografia do Marquês de Sade escrita por um brasileiro, a única que tomamos conhecimento. Para o biógrafo Fernando Peixoto, “A literatura de Sade é o resultado das prisões em que viveu. Neste nível,



sua obra é uma resposta, que traz em si, também, a doença da pergunta” (PEIXOTO, 1978, p. 14).

Esses autores ilustram bem o que estamos querendo circunscrever como uma tendência nas leituras do Marquês de Sade. Em todos eles há uma sobrelevação da trajetória de vida do Marquês de Sade na formação da imagem de autor desse escritor, sendo a clausura e a patologia os elementos mais destacados. O contexto histórico no qual viveu Sade, os autores que mais o influenciaram, o seu próprio “sistema filosófico” montado na sua profusa obra, acabam não tendo a atenção devida; é uma tendência onde não se dá a oportunidade de ler Sade a partir das suas próprias demarcações de autoria, descartadas em prol de outras demarcações.

Apesar da imagem de autor do Marquês de Sade sendo operada a partir do claustro e da loucura ter criado raízes profundas na história das leituras desse escritor, criando leitores de Sade que também o reduziram a esse par, existiram leitores de paladar diferenciado que devoraram Sade como uma iguaria sem igual. Autores de envergadura como “Baudelaire, Flaubert, Byron, Shelley, Saint-Beuve, Rimbaud, Jules Janin [...] Max Stirner e F. Nietzsche” (GIANNATTASIO, 1998, p. 32), leram o Marquês. Flaubert o recomendava enquanto autor moral, indispensável a todos que desejassem se instruir nesse assunto. Ironicamente, algumas vezes Sade se declarou um autor moral; assim se expressiu sobre os seus romances, dizendo que “nunca pinarei o crime senão com as cores do inferno; quero que o vejam a nu, que o temam, que o detestem, e não conheço outra forma de fazê-lo senão mostrando-o com todo o horror que o caracteriza” (SADE, 2008, p. 25).

E Baudelaire, o que dizer do poeta das flores do mal? Provavelmente foi um encontro orgástico. Ambos se encontraram com muita intimidade nas discussões sobre o mal e sobre as mulheres. O mal é o tema sadiano que mais atraiu o poeta; em Sade o mal é uma forma de ser da natureza, em Baudelaire se dá o mesmo: “é a natureza que inspira o homem ao assassinato, à antropofagia, ao seqüestro e à tortura” (GIANNATTASIO, 1998, p. 34). Como expressão mais acabada desse mal intrínseco na Natureza elegem a mulher; Sade o fez a partir da personagem ideal Juliette, representante do vício, libertina mor, acompanhada de sua antípoda Justine, representante da virtude, vítima predestinada, que em seu sofrimento comprova as prosperidades do vício, do mal; Baudelaire, a partir de vários momentos da sua poesia: “A mulher tem fome e quer comer. Tem sede e quer beber. Está com o cio e quer ser fodida. Eis o seu belo mérito! A mulher é natural, isto é, abominável” (Apud GIANNATTASIO, p. 35).

Esses casos de leitores que fizeram uma leitura diferenciada da literatura sadiana servem como exemplos da sempre potencial liberdade do leitor. Não sabemos o tratamento que seria dispensado a Sade se esses grandes autores tivessem exposto suas leituras do libertino ao mundo; é interessante imaginá-lo, mas, em sua maioria, eles parecem ter lido o Marquês em suas próprias alcovas.

Na segunda tendência, há aqueles que interpretam a escrita de Sade assassinando o indivíduo, a trajetória de vida de Sade; aqui o hospício e a prisão já não assumem a maior determinação na formação da imagem de autor. Os leitores vão na direção de uma soberania (nunca plena), o texto é usado e abusado conforme as pulsões do leitor e as necessidades que o atravessam – e este nos parece ser o caso dos surrealistas e de alguns outros autores na primeira metade do século XX, que foram os primeiros responsáveis por uma valorização dos escritos sadianos, tanto pelo vislumbre de liberdade que há no texto de Sade quanto pelo contexto histórico do século XX, onde os amontoados de cadáveres das Grandes Guerras reclamavam uma interpretação da realidade onde não era mais possível negar a existência do Mal como possibilidade autêntica do ser humano.

Na análise de Moraes (2011), os surrealistas leram Sade voltando os olhos para os “domínios do desejo”, que os escritos do libertino exultavam ao extremo, mesmo em suas facetas mais destrutivas; a percepção dos surrealistas de que a expressão da liberdade deve passar pela sexualidade e o destronamento do homem frente à infinitude de um universo indiferente – ligou-os em definitivo ao Marquês. Quanto ao outro elemento que forçou os homens do século XX, e a nós do século XXI, a reconhecer, em Sade, mais do que um anormal, mais do que uma exceção, Moraes esclarece que:

Diante do aperfeiçoamento das tecnologias de morte – culminando com os mecanismos industriais de “eliminação natural” desenvolvidos pelos nazistas – torna-se impossível tratar o pensamento de Sade como ocorrência isolada, lançando-o aos declives da loucura. Diante da exacerbação da sensibilidade individualista a que nossa época assiste, já não se pode igualmente admitir que o egoísmo enunciado por seus libertinos seja mero resultado da delirante imaginação de um homem enclausurado” (MORAES, 2011, p. 141).

A partir desse momento vemos Sade ser dissecado por uma perspectiva oposta àquela que predominou por um longo tempo depois de sua morte. O Marquês é convocado não mais a deitar no divã e na livre associação de ideias soltar os fios que, ao serem puxados, desvendariam

as origens do desvio; a medicalização psiquiátrica também é suspensa e as grades das prisões e hospícios são abertas. Sade reaparece como aquele que possui uma verdade sobre homens, verdade que deve ser ouvida, agora que eles se sabem, como reconhece Beauvoir (1961), menos vítimas “da maldade dos homens do que da boa consciência deles” (BEAUVOIR, 1961, p. 63).

Não foi o discurso sadiano, identificando o mal como algo essencial na natureza humana, que acumulou pilhas incontáveis de corpos no transcorrer dos séculos, foi o elogio e idealização da razão, das luzes, que nos presentearam com as tecnologias de morte massiva. Conforme Giannattasio, “A morte real de homens, mulheres e crianças promove e transforma em mito o personagem histórico que a comandou, ordenou e executou; em Sade - o monstro - a morte jamais deixou de ser virtual” (p. 108). Napoleão ainda é exaltado como herói, o nome de Sade jamais conhecerá semelhante glória – os seus livros, após lidos, não deixam trilhas de corpos, a sua alcova não anuncia a realização do espírito do mundo através da história. Eis uma experiência real do drama dostoievskiano: Sade, como Raskolnikov, será sempre uma consciência atormentada, pois não teve o necessário para ser um grande homem – eternamente frustrado por não ter feito o espírito se refletir no desdobrar da história, que, ironicamente, seria o fim da história; não como realização plena do espírito, mas como destruição definitiva de tudo, realização plena da natureza.

Nessa segunda tendência vemos a imagem de autor do Marquês de Sade sendo formada a partir de uma idealização do libertino: aquele que ousou dizer que o mal é parte intrínseca do homem e como aquele que ousou libertar seus desejos irrecriminadamente, que eliminou todo e qualquer freio de sua imaginação; principalmente os surrealistas encararam Sade dessa forma, a quem chamavam de “Divino Marquês”. Segundo Giannattasio (1998), “A sensibilidade e o faro surrealista permitiram-lhes identificar em Sade, o lugar estratégico da criação artística” (GIANNATTASIO, 1998, p. 60); o libertino, os seus escritos, estão sendo apropriados, como já aludido, a partir das necessidades explícitas desses homens do século XX. Passamos de uma tendência de leitura marcada pela anormalização de Sade, para outra marcada por sua exaltação, em ambas o Marquês é deslocado de si mesmo; seja para ser rejeitado ou admirado.

Também colocamos Roland Barthes nessa segunda tendência, especificamente pela sua proposta de leitura, onde o texto sadiano é sobrelevado acima de qualquer outra determinação; aqui é o texto, em sua estrutura interna, o elemento mais importante. A abordagem que esse linguista faz da obra de Sade a torna particularmente inócua à sociedade – a literatura do

Marquês é entendida como uma realização que, antes de tudo, visa o imaginário. Se dissemos que muitos leitores se sentem forçados a demonstrar sua repulsa da literatura sadiana, como uma forma de garantir sua própria integridade moral, Barthes (2005) sustenta que só os leitores que não entenderam que Sade visa o imaginário é que sentem esse incomodo – não seria intenção do Marquês de Sade fazer a realidade fora do texto concretizar as representações que este contém, ou, no mínimo, não é desse modo que os leitores deveriam abordar o texto sadiano. Nos termos do autor,

Sade escolhe sempre o discurso contra o referente; coloca-se sempre ao lado da *semeliosis*, não da *mimesis*: aquilo que ele “representa” está sempre deformado pelo sentido, e é no nível do sentido, não do referente, que o devemos ler (BARTHES, 2005, p. 29-30). (grifos do autor).

Em sua leitura, Barthes (2005, p. x-xiii) aborda o Marquês como fundador de uma língua, uma língua artificial que toma, algumas vezes, as vias de uma língua natural. Essa língua sadiana seria constituída a partir de quatro operações básicas. A primeira operação é “isolar-se”, pois a língua deve surgir de “vazio material”, num espaço que impede a língua que está se constituindo de se contaminar com outras línguas; Sade realiza essa operação a partir do isolamento dos seus personagens em lugares distantes da sociedade e, muitas vezes, quase inacessíveis. A segunda operação é “articular”, articulação dos diferentes signos que compõem a língua (em Sade, posturas, figuras, episódios, sessões); esses signos são cortados, combinados, ajustados, submetidos a uma contínua produção de “regras de junção”, onde a criação é substituída pela sintaxe. A terceira operação é “ordenar”, criar uma ordem superior à da sintaxe, uma métrica para o acontecimento erótico; operação executada por algum libertino. A última operação é “teatralizar”, e consiste não em “enfeitar a representação”, mas em “ilimitar a linguagem”.

O que Roland Barthes faz com Sade, ao tomá-lo como fundador de uma língua, é buscar entender o funcionamento dessa língua, sua gramática. Dessa modo são abordados vários elementos do mundo sadiano, como a clausura, as vestimentas, a alimentação, a estética dos personagens, a riqueza e a pobreza, a educação, o erotismo, o corpo – Barthes decompõem o mundo sadiano e se põe a entender o sentido e a função de cada parte decomposta, algo que não se dá sem os pressupostos de constituição da língua em sua totalidade, como apresentados a partir das quatro operações do parágrafo anterior.



Na terceira tendência interpretativa da obra de Sade estão aqueles que, além de retirar o véu da anormalidade do indivíduo, buscam reconhecer a força criadora do libertino enquanto escritor; reconectando-o ao seu tempo, ao horizonte de interpretações do mundo que o século XVIII europeu abriu, e reconhecendo o esforço do Marquês de interpretar a si mesmo, de criar-se e recriar-se na experiência da escrita, que inegavelmente também abre possibilidades-de-ser na realidade fora das páginas. É o momento onde podemos observar o surgimento de uma imagem de autor do Marquês de Sade que é mais complexa, imagem construída a partir da consideração de vários fatores. Ao nosso ver, quanto mais complexa essa imagem vai se tornando, quanto mais fatores são considerados, mais os leitores e pesquisadores se veem obrigados a delimitar-se na construção ou seleção de uma imagem de autor – somando-se a isso as lacerações anti-autor e a historicidade dos usos da literatura e historicidade das necessidades dos leitores, a literatura de Sade se mostra particular e explicitamente inesgotável, assim como outros grandes da literatura. Nessa tendência encontramos autores como Giannattasio (1998), Mattos (2017), Monzani (1995), Moraes (1994; 2011).

Giannattasio (1998) e Mattos (2017) reconhecem a dívida do Marquês de Sade com os pensadores de sua época (muito explicitamente em relação à teoria dos materialistas Barão D’Holbach, La Mettrie e Helvétius), reconhecem que o libertino não era apenas um pensador isolado, como alguns quiseram crer para desconectar Sade do restante da ilustração. Monzani (1995) acredita que Sade se apropriou do pensamento da época e o levou à sua conclusão potencial; o libertino “dependia muito, nas suas concepções, de certas matrizes de pensamento do século XVIII, como também, sob muitos aspectos, ele era a realização completa e acabada dessas mesmas matrizes” (MONZANI, 1995 p. 02). Por terem recusado levar o seu pensamento às consequências últimas, Sade acusava esses autores de serem “meio-filósofos”, nunca os perdoou por sua recusa a “tudo dizer” – princípio ético supremo da filosofia como Sade a enxergava (MORAES, 2011).

Mattos (2017) monta a imagem de um Sade com inclinações revolucionárias, acredita que o libertino possuía uma visão das transformações necessárias à sociedade vigente, uma revolução impossível: “a revolução requerida não seria possível, pois a razão não conseguiria atender ela mesma às exigências de uma mudança de paradigmas, se assim podemos nomear de momento” (MATTOS, 2017, p. 27). A razão falha pelo lugar que Sade concedeu a ela, que



é distinto daquele que a maioria dos iluministas concedeu. Essas transformações deveriam atravessar a sociedade de um extremo a outro, mas são poucos os indivíduos que possuem energia suficiente para conduzir tais transformações. Os libertinos seriam um tipo de indivíduo que poderia levar a mudança vislumbrado à cabo; contudo, esse tipo de indivíduo está sempre ocupado demais consigo mesmo, eles existem apenas para si mesmos, na busca do seu próprio prazer.

Nessa terceira tendência extremamente plural, Sade é analisado a partir de perspectivas que o reconectam ao seu tempo, com autores preocupados em entender a sua localização na história das ideias, aliás, neste ponto, Monzani (1995) sustenta que Sade opera uma ruptura na história das ideias do mundo ocidental. Essa ruptura decorre da positivação do Mal, visto desde Platão como “negação ou privação” das coisas em relação ao seu modo ideal de ser (MONZANI, 1995, p. 103).

São autores que leem Sade como produtor de uma documentação sobre o próprio século XVIII, que trata de formas de pensar e sentir dessa época, dos seus valores morais, da sua forma de produção de verdades; assim o faz Moraes (1994; 2011) ao estudar o teatro em Sade, a concepção do espaço Alcova, as viagens dos libertinos, a presença e função dos castelos, ao estudar o gênero literário que está sendo produzido pelo Marquês, sua influência na literatura romântica, no *roman noir* – também estudado por Giannattasio (1998), que admite a estranheza, num primeiro momento, em pensar em um Sade romântico. O caleidoscópio teórico-metodológico contemporâneo recai sobre o Marquês de Sade e vemos esta existência se abrindo para todos os tipos de pesquisa que nossa época tem conduzido, se abrindo para uma infinidade de tipos de leitores.

## **SER LEITOR DO MARQUÊS DE SADE**

Diante dessa pulverização das tendências de leitura do Marquês De Sade, diante da pulverização, através de uma historicidade radical, dos próprios processos e elementos que compõem a experiência leitora, expor o leitor idôneo desejado pelo próprio Marquês de Sade, mais um desses elementos pulverizados, coloca em marcha um fator de constrangimento aos leitores do libertino. Como a maioria dos escritores, Sade também se dirige a um público, ele quer fazer algo com os seus leitores, e espera receber algo destes.



O par ideal libertino-vítima é fundamental no universo literário criado por Sade. Ser libertino ou vítima, no mundo humano, corresponde a uma posição específica em relação à Natureza; esta, tomada como a totalidade do ser, como sistema autossuficiente e autorregulado, não precisa e nunca precisará de alguma força ou energia, além da que possui em si mesma, para ser o que é. Dando um nome antigo a esse além, Sade diria: Deus é inútil para a natureza. Assim, um dos seus personagens se expressa sobre o sistema da natureza,

Se a matéria age, move-se por combinações que nos são desconhecidas, se o movimento é inerente à matéria, se apenas ela pode, enfim, devido à sua energia, criar, produzir, conservar, manter, equilibrar nas imensas planícies do espaço todos os globos cuja vista nos surpreende e cuja marcha uniforme, invariável, enche-nos de respeito e admiração, qual então a necessidade de buscar um agente estranho a tudo isso, já que esta faculdade ativa se encontra essencialmente na natureza, que não é outra coisa senão a matéria em ação” (SADE, 2008, p. 39).

Em si, a natureza é amoral, os homens nada significam para ela; que, em seu movimento perpétuo, na sua contínua e eterna transformação, em sua tendência à equilíbrio, pode atingir esses homens – destruindo-os através da erupção de um vulcão ou alimentando seus corações para que destruam a si mesmos; lembrando que essa destruição nada mais é que transformação da matéria. Aos olhos dos homens, na mesma escala dos seus preconceitos, a Natureza é má; já para os homens esclarecidos, e os libertinos sadianos sempre o são, eles entendem que a categoria moral “mau” nada significa para essa natureza, esteja a própria natureza sendo julgada como má ou os homens julgados como maus. Esses homens acusados de maus, assim o são porque a natureza assim os quis; e não se pode fugir impunemente às inclinações e à potência enérgica dadas pela natureza.

Os comportamentos que a sociedade renega em sua cartilha moral, os tipos humanos que ela rejeita, como faz com os libertinos, são apenas indivíduos diferenciados, que, em geral, expressam mais da dinâmica da própria natureza do que o restante dos tipos que compõem a sociedade. A variação de tipos humanos, aliás, é uma preferência da natureza, por isso afirma o libertino Dolmancé que “não devemos nos espantar mais com a diversidade que ela pôs em nossos traços do que com a que pôs em nossas feições” (ibidem, p. 56). O tipo libertino deve romper com tudo que impeça que ele realize suas inclinações naturais, a sua felicidade depende disso e ele é capaz de tudo para obtê-la; conforme Giannattasio (1998):



Livrando-se dos freios da lei, tendo abolido os códigos de religiosidade, desconhecendo o que seja o remorso, não admitindo nem Deus, nem o Diabo, não há nenhuma atrocidade à qual o libertino não se entrega, inflamado pelo silêncio e a solidão” (GIANNATTASIO, 1998, p. 146).

Aquela preocupação de Simone Beauvoir, em sua leitura do Marquês de Sade, surge do encontro com esse tipo de personagem, que não conhece nenhum limite, que está disposto a tudo para gozar. Se Beauvoir enxerga Sade para além das reduções a que o submeteram, se ela aponta que o indivíduo Sade também sofreu violações em sua trajetória de vida, a autora mantém seus receios, seria “trair Sade votar-lhe uma simpatia muito fácil; pois é a minha desgraça que ele quer, minha sujeição e minha morte” (BEAUVOIR, 1961, p. 61). Beauvoir sente muito bem que o desejo libertino está sempre na iminência de irromper as páginas e recair sobre o leitor, principalmente esse leitor que não tem o seu desejo alimentado por objetos semelhantes aos do universo libertino. A postura da filósofa, diante dos escritos sadianos, é a de uma vítima; ela se sente apavorada, se sente numa situação onde está prestes a ser subjugada, onde sua própria vida pode ser perdida porque esse é o destino das vítimas na literatura sadiana.

As vítimas, na literatura de Sade, estão numa posição de negação da Natureza, ensurdecendo-se para sua voz enquanto se ajoelham para toda uma série de quimeras. Conforme Mattos (2017):

a vítima incorre na virtude atrelada ao julgo cristão de salvação, a fim de perpetuar sua existência, no ímpeto de permanência. Ela, dessa maneira, nega a natureza, ao passo que o libertino, em reconhecer a destruição como condição inevitável – segue-a (MATTOS, 2017, p. 249).

Por seu distanciamento da natureza, também por sua organização física inferior, o destino das vítimas sadianas é sempre a infelicidade. Em Sade, homens também são vítimas, mas as mulheres o são com maior frequência; isso porque a mulher, com seu ideal romântico e cristão já delineado à época em que o libertino escreve, é a manifestação mais repulsiva das tentativas de negação da natureza – ainda que possa ser, também, a expressão mais perfeita do “mal intrínseco” dessa mesma natureza. No romance *A Filosofia Na Alcova (1794)*, um romance pedagógico, o objetivo principal da narrativa é a formação libertina da jovem Eugénie, que acaba por recusar qualquer desses traços ideais que a sociedade europeia setecentista elegeu para a mulher.



Para libertar-se dos grilhões sociais, Saint-Ange, preceptora, aconselha Eugénie a desprezar os conselhos da sua mãe imbecil e devota; ao pai, como libertino que é, ela deve entregar-se e usufruir dos prazeres do incesto. O conselho da libertina à jovem pode ser sintetizado em: “fode e apenas fode; é para isso que estás no mundo” (SADE, 2008, p. 48). Foder em qualquer que seja o lugar, em qualquer hora e com todos os tipos de homens; estes devem servir à voluptuosidade da mulher libertina, livre dos preconceitos morais que lhe foram inculcados pela sociedade, obediente aos desígnios da Natureza. No livro da Natureza, a mulher está destinada a “ser como a loba e cadela: pertencer a todos os que a desejarem” (ibidem, p. 48).

A essa altura, não é difícil imaginar que aqueles que mais podem gozar da literatura do Marquês são os leitores libertinos; o que não significa que os leitores vítimas não sejam importantes. Para Moraes (2011), os leitores que Sade deseja para a sua literatura devem ser corajosos, ousados e ter uma imaginação sem limites; se esses são os leitores ideais, o leitor negativo do Marquês tem sua figura mais nítida nessa coisa que chamamos de “Mãe”. Esta “representa, por excelência; o espaço do lar e, com ela, os ideais de infância, de educação das crianças, de amor pela família” (MORAES, 2011, p. 16). Com essas características, a mãe que ler Sade está condenada eternamente à posição de vítima, não há outra posição para ela nas páginas do libertino.

Como ressaltamos, há uma preocupação em muitos leitores do Marquês de Sade com a demarcação de suas posturas morais diante dos escritos libertinos; esses leitores expõem urgentemente o lugar de suas existências em relação à existência de Sade, o objetivo é – evitar a todo custo qualquer contaminação com o mal presente nessa literatura; o leitor quer ficar acima de qualquer suspeição sobre ter derramado alguma simpatia pelo escritor libertino. Moraes (2011) interpreta parte desse fenômeno da seguinte forma,

Tendo o corpo do leitor como alvo, a escrita de Sade visa, em última instância, tocar na singularidade de cada um de nós. Talvez por essa razão, as interpretações de sua obra tendem, muitas vezes, a ser perfuradas por depoimentos de leituras [...] as conclusões que tiramos tanto da erótica sadiana quanto do texto em si remetem inevitavelmente aos nossos próprios fantasmas” (MORAES, 2011, p. 23).

Se não somos libertinos, é preciso, ao menos, muita coragem para ler Sade, para enfrentarmos o mal em nós mesmos, que o escritor libertino sabe muito bem como desvelar; caso contrário, o Marquês não hesita em nos vitimar através de suas páginas, ao ponto de muitos simplesmente renegarem a literatura sadiana, fecharem o livro e o descartarem como irrelevante, literatura de má qualidade, mera pornografia, delírios de um homem insano e criminoso.

Na interpretação de Moraes (2011), a literatura sadiana aparece muito mais amistosa do que mostramos até aqui. Para a autora, Sade não pretende vitimar seus leitores, se estes o leem a partir da posição da vítima, antes o é por suas próprias limitações; argumenta ela,

” Sê filósofo”, diz o marquês, convidando-nos a ocupar o mesmo lugar de seus personagens libertinos, e jamais a posição de vítima como sugere Beauvoir. Sade quer fazer de seu leitor não somente um cúmplice, mas também um par. Para tanto desafia-nos a imaginar, a exemplo de seus devassos, um mundo completamente organizado segundo nossos desejos; um teatro, a encenar exclusivamente nossas fantasias; um banquete, que contempla a singularidade do nosso paladar. Cabe a cada leitor, no silêncio da sua leitura, escolher seu assento” (MORAES, 2011, p. 25).

Se estendermos a dinâmica da natureza, segundo Sade, até o mundo da leitura, não é exagero sustentarmos que o texto sadiano pode aparecer como um libertino sedento por uma vítima, querendo gozar com o corpo do leitor. Aceitando isso, o par vítima-libertino, fundamental no universo literário do Marquês, passa a operar por completo no próprio processo de leitura. Contudo, não colocamos em dúvida o fato de que o texto sadiano se abre mais para os libertinos, que há mesmo um anseio, por Sade, de servir como combustível para o desejo dos libertinos que o leem; quem sabe o Marquês queira também um par, alguém que, como ele, se empenhou na destruição dos freios que a sua sociedade criou e lhe impôs, se empenhou na libertação plena do seu corpo para tudo o que fosse possível provocar-lhe prazer.

Não por acaso, a solidão é um tema central na literatura de Sade, e, na maior parte do tempo, o autor afirma a solidão como destino inevitável dos homens; ainda assim, vemos os romances do Marquês possuindo as “sociedades” como estrutura fundamental, como a “Sociedade dos amigos do crime”<sup>3</sup>. Há entre os libertinos algum companheirismo, alguma

---

<sup>3</sup> Barthes (2005) chega a sustentar que as sociedades sadianas, realizadas em um espaço distinto da sociedade geral, são uma “maquete”, uma “miniatura” da sociedade geral, onde muitas das relações de poder são reproduzidas,



espécie de compromisso, de reconhecimento entre indivíduos do mesmo tipo; mas em última instância é o desejo do libertino que comanda essas relações, e se esse desejo implica na destruição de outro libertino – não há hesitação; o caso mais explícito disso está no romance *Juliette Ou As Prosperidades Do Vício*, onde a libertina Juliette mata outros dois libertinos, empurrando um deles nas chamas infernais do Vesúvio (apud PEIXOTO, 1978, p. 218).

Agora nos voltamos ao leitor a quem Sade dedica o romance pedagógico *Filosofia Na Alcova*. O título da dedicatória desse livro é: Aos Libertinos. Todas as referências essenciais aos leitores, neste livro, estão dispostas nessa dedicatória. Nos diz o Marquês,

Voluptuosos de todas as idades e de todos os sexos, a vós somente ofereço esta obra; nutri-vos de seus princípios, eles favoreceram vossas paixões, com que estúpidos e frios moralistas tentam vos horrorizar, são apenas os meios que a natureza emprega para fazer o homem atingir as metas que traçou para ele. Não ouvi senão essas paixões deliciosas: sua voz é a única que pode vos conduzir à felicidade (SADE, 2008, p. 11).

Nesta primeira parte, Sade acaba definindo um objetivo para os seus leitores: sua formação libertina, assim como a personagem Eugénie está sendo formada. Não importa se homens ou mulheres, não importa se jovens ou velhos, os indivíduos devem se apropriar dos princípios libertinos para se educarem, para destruir o regime de moralidade da sociedade em que vivem. Também é definida a posição do comportamento libertino em relação à natureza, e contrariamente ao que dizem os pregadores da boa moral, a libertinagem é uma inspiração direta da natureza; atirando-se à libertinagem, o libertino não faz outra coisa senão obedecer àquela que é a única fonte de verdade – a natureza materialista. Servir-se da literatura é apenas um meio para a autorrealização (felicidade) conforme os desígnios da natureza; um meio dos mais importantes, pois os libertinos sadianos apreciam a intelectualidade, adoram a teorização, contanto que esta esteja em função dos corpos, abrindo possibilidade de inflamar a máquina corporal exponencialmente.

A segunda parte da dedicatória faz referência especificamente às mulheres “maduras”, mulheres que já viveram toda uma vida, se casaram, tiveram filhos, cumpriram seu “destino social”. Assim Sade as convoca: “Mulheres lubricas, que a voluptuosa Saint-Ange seja vosso

---

como as observadas na divisão de classes; “de um lado os explorados, os possuidores, os governantes, os tiranos; do outro, o *povinho*” (BARTHES, 2005, p. 154).

modelo; desprezai, a seu exemplo, tudo o que contraria as leis do prazer que a acorrentaram durante toda a vida” (ibidem, p. 11). Saint-Ange é uma libertina de 26 anos, ou seja, uma mulher que já deveria ter se submetido aos suplícios do ideal romântico-cristão há muito tempo; o que observamos é o oposto, nos diz a libertina: a esta idade “já deveria ser devota, mas não passo da mais devassa das mulheres!” (ibidem, p. 15). Quanto mais a sociedade dista que Saint-Ange se submeta ao padrão da mulher virtuosa, *recatada e do lar*, mais inflamado fica o espírito libertino com o qual nasceu. Toda vez que uma mulher reprimida mas de espírito libertino abre os romances sadianos, se sente mais liberta e se permite todos os gozos de que a sua imaginação a prover, o texto sadiano se realiza num dos seus objetivos fundamentais.

A terceira parte da dedicatória de Sade saúda as jovens mulheres, como Eugénie, que à época de suas lições conta 15 anos de idade. Eugénie é filha de pai libertino e mãe devota, que a criou impugnando-a dos princípios morais cristãos, com o objetivo de torná-la uma mulher virtuosa; e como essa mãe fica esplendidamente horrorizada ao descobrir que sua filha possuía um espírito libertino dos mais abençoados pela Natureza! Sade deseja para as jovens mulheres a mesma trajetória de Eugénie: “Moças tanto tempo contidas em laços absurdos e perigosos de uma virtude quimérica e de uma religião nojenta, imitai a ardente Eugénie; destruí, pisotear tão rapidamente quanto ela todos os ridículos preceitos inculcados por pais imbecis” (ibidem, p. 11). Eugénie é uma libertina prodígio, e assim o é porque a natureza a favoreceu com uma compleição física perfeita para a libertinagem, assim como uma inteligência invejável, que a faz compreender os princípios teóricos dos libertinos com facilidade; em dois dias o seu processo educativo é concluído. Infelizmente não temos informação sobre o sucesso do romance de Sade na formação juvenil, mas uma boa mãe, uma mãe libertina “prescreverá sua leitura à filha” (ibidem, p. 12).

Depois dos voluptuosos, das mulheres, das moças, Sade encerra sua dedicatória convocando os devassos,

E vós, amáveis devassos, que, desde a juventude, não tendes outros freios que vossos desejos e outras leis que vossos caprichos, que o cínico Dolmancé vos sirva de exemplo; ide tão longe quanto ele, se, como ele, desejardes trilhar os caminhos de flores que a lubricidade vos prepara. Convençei-vos em sua escola que, só estendendo a esfera de seus gostos e de suas fantasias, só sacrificando tudo à volúpia, o infeliz indivíduo denominado homem e jogado a contragosto neste triste universo conseguirá semear algumas rosas sobre os espinhos da vida” (SADE, 2008, p. 11).

Dolmancé é um libertino formado, ideal, perfeito. Não há nada que esse libertino não seja capaz de fazer para saciar sua lubricidade insaciável, para inflamá-la mais. Amante de homens, às vezes de mulheres, de crianças; blasfemador imparável, aliás, um dos seus maiores prazeres é “injuriar a Deus quando fico de pau duro” (ibidem, p. 69); mesmo o assassinato o libertino já cometeu. Dolmancé é o principal preceptor de Eugénie, homem de vastas experiências, com um conhecimento extenso como o de um grande iluminista; e uma de suas grandes lições teóricas para a jovem é: “A crueldade não é outra coisa senão a energia do homem ainda não corrompida pela civilização” (ibidem, p. 81), logo não importa o quanto os seus atos façam outro ser humano sofrer, a única coisa realmente importante é o prazer do próprio libertino, agora mais próximo do estado de natureza. Aos leitores devassos, Sade aparece como um igual; se o escritor busca encontrar um par através de sua literatura, como quer Moraes (2011), a esses leitores libertinos em particular – Sade se oferece como um par.

Não há uma saciação última para os libertinos, o seu desejo está sempre em marcha, sempre flamejante, só cessando com a morte; e mesmo está poder servir como um momento de prazer extremo, como vemos num dos primeiros escritos de Sade, *Diálogo Entre Um Padre e Moribundo*, onde um libertino à beira da morte converte um padre à libertinagem, depois de destruir o véu de ilusões e princípios quiméricos que o clérigo havia seguido ao longo de sua vida. A literatura de Sade, para os leitores libertinos, aparece como combustível para esse contínuo do desejo. Se, como o Marquês, os leitores vivem uma vida que se realiza na sexualidade, se fizeram desta uma ética, como afirma Beauvoir (1961), depois de devorarem a literatura sadiana e porem em prática seus ensinamentos, estarão vivendo a única felicidade que esse universo empalamado possibilita aos homens.

## CONCLUSÃO PARA LIBERTINOS

Estamos vivendo uma época que enseja perspectivas de uma historicidade radical, que atravessa a todos os objetos que os homens se propõem conhecer, que incentiva a suspeita sobre os objetos vistos como em eterna permanência – a situação não é diferente em relação aos elementos que compõem o mundo letrado. O resultado disso tem sido uma diferenciação



crescente nas possibilidades da experiência letrada, seja em relação aos autores, aos textos, aos leitores, ao próprio sentido da leitura.

A trajetória dos escritos do Marquês de Sade é um exemplo explícito das mudanças que podem ocorrer nas tendências de leitura de um escritor, dos usos distintos a que um texto pode servir ao longo tempo. De um momento de rejeição da literatura sadiana, de sua redução a fruto de um libertino louco, de um prisioneiro que apenas fez uso vulgar da escrita para lidar com as suas privações, essa literatura e o seu escritor passam a ser exaltados, uma literatura nascida do espírito do homem mais livre que o mundo jamais conheceu, portador de uma imaginação criativa e explosiva. Nesse segundo momento, Sade é reabilitado, porém sua própria voz ainda é pouco ouvida. Especialmente a partir da década de 50 do século XX, quando o caleidoscópio teórico-metodológico da contemporaneidade recai sobre Sade, é que sua voz começa a ser ouvida a partir de si mesmo, ainda que as interferências dos que o abordam jamais cessem, não nos parece possível cessarem. O Marquês é enredado no mundo que o criou, e sua literatura diz muito sobre este mundo no qual ele lutou para criar a si.

Uma das formas de nos permitirmos ouvir essa voz do Marquês De Sade, sem que o subjuguemos por completo, é atentando às suas reclamações sobre o leitor que ele desejava. Em parte, esse leitor acaba sendo um igual de Sade, um libertino, um desbravador de si mesmo, libertador de seus desejos e destruidor de freios morais. Mas há espaço no Marquês para outros tipos de leitores. Basta que esse outro tipo de leitor não seja um covarde, que tenha um pouco de imaginação, que aceite enfrentar a si mesmo diante do universo apresentado por Sade. Se o leitor não é capaz disso, diria para não se preocupar, vitimar seus leitores é, também, um dos objetivos da literatura sadiana.

Este exercício de pesquisa que nos propomos nos aparece como meio de criação de sentidos, de criação de nós mesmos, mais uma contribuição para essa diferenciação infinita que a historicidade radical de nossas perspectivas contemporâneas nos impele a fazer. Não sabemos o fim que isso levará, talvez tanta historicidade e diferenciação acabe apenas em niilismo. Àqueles que nos lerem, apenas diríamos para ousarem ser e mergulharem nesse caos; quem sabe possam criar algo que nos lance em algum paraíso, ou num inferno ainda mais tormentoso – ambas as possibilidades nos são igualmente atraentes.



## FONTES

SADE, Marquês De. 2008. **A Filosofia na Alcova ou os preceptores imorais**. Trad. Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras.

\_\_\_\_\_. 2001. **Diálogo entre um padre e um moribundo**. Alain François. São Paulo: Iluminuras.

\_\_\_\_\_. 2000. **Notas sobre o romance ou A arte de escrever ao gosto do público**. In: Os crimes do amor. Trad. Magnólia Costa. Porto Alegre: L&M POCKET. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-os-crimes-do-amor-marques-de-sade-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acessado em 08/08/19.

## BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. 2005. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes,

BEAUVOIR, Simone. 1961. Deve-se Queimar Sade? In: **Novelas do Marquês de Sade**. Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

CHARTIER, Roger. 1998. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

FOUCAULT, Michel. 1979. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. 2019. **O que é um autor**. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/L3FoucaultAutor.pdf>>. Acessado em: 19 out.

GIANNATTASIO, Gabriel. 1998. **Sade: um anjo negro da modernidade**. Tese de Doutorado, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR.

MATTOS, Elizângela Inocência. 2017. **O Contra-Iluminismo do Marquês de Sade**. 2017.309f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Carlos.

MONZANI, Luiz Roberto. 1995. **Desejo e prazer na Idade Moderna**. Campinas: Ed. Unicamp.

MORAES, Eliane Robert. 2006. **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina**. São Paulo: Iluminuras.

\_\_\_\_\_. 1994. **Sade: A felicidade libertina**. Rio de Janeiro: Imago.



revista.caete@delmiro.ufal.br

Revista de Ciências Humanas CAETÉ 2019  
VI N°1, 38-63, SILVA

**CAETÉ**  
Revista de Ciências Humanas

PEIXOTO, Fernando. 1978. **Sade: Vida e Obra. São Paulo: Paz e Terra.**

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. 2009. Krafft-Ebing: a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.** vol.12, n.2, pp. 379-386.

